

A experiência de morar na residência universitária da UVA a partir da narrativa (auto)biográfica de um acadêmico

Andrea Abreu Astigarraga¹

Bruna Gêssica Oliveira²

Rosely Monte Souza³

RESUMO

A Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA tem mais de cinquenta anos de existência. Mas, o Programa de Assistência Estudantil – PAE – do Governo do Estado do Ceará, foi criado há quatro anos. Qual o impacto desta experiência na vida dos acadêmicos? Portanto, esta pesquisa consiste na escuta e análise da narrativa (auto)biográfica de um acadêmico com a finalidade de identificar as dificuldades e facilidades da sua experiência formativa pessoal e acadêmica como morador da residência universitária da UVA. O aporte teórico foi baseado principalmente em Coulon (2017) com o conceito de permanência universitária; assim como Sampaio (2015) e Silva (2019), Larossa (2011; 2002); Astigarraga (2010; 2017), Bragança (2011) e Delory-Momberger (2006). Verificamos que a universidade é um espaço formativo importante, pois facilitou a passagem da graduação à pós-graduação (mestrado), após o acadêmico superar as dificuldades de viver longe da família e de ampliar a sociabilidade dentro da residência com os colegas. Para isso, o PAE –

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Coordenadora-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas (auto)biográficas – GEPAS – CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9614-1999>. E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa (auto)biográficas – GEPAS- CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4631-1619>. Email: brunagessicaoliveira@gmail.com

3 Graduada no Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa (auto)biográficas – GEPAS- CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9535-9088>. E-mail: roselym380@gmail.com

principalmente residência e restaurante universitários – foi essencial no processo de acesso, permanência e conclusão de um acadêmico da classe trabalhadora, oriundo de um município, no entorno de Sobral, onde a UVA está situada. Este resultado poderá ser verificado em uma pesquisa posterior, amplificada com mais acadêmicos/as do mesmo contexto sócio-econômico-cultural.

Palavras-chave: experiência; residência universitária; narrativa (auto)biográfica.

The experience of living in the UVA university residence according to the autobiographical narrative of a student

ABSTRACT

The State University Vale do Acaraú was founded over 50 years ago, while the Student Assistance Program (PAE) was created 4 years ago. What was the impact of this program on the lives of students? The aim of the study was to listen to and analyze the autobiographical narrative of a student to identify the challenges and opportunities of his personal and academic formative experience as a resident of the University Residence. The research was based on Coulon (2017), Larossa (2011; 2002), Astigarraga (2010; 2019), Bragança (2011), and Delory-Momberger (2006). After the student overcame the difficulties of living alone and became socially engaged with his peers, we found that the Residence contributed to his education as it facilitated the transition from undergraduate to graduate studies.

Keywords: experience; university residence; autobiographical narrative.

La experiencia de vivir en la residencia universitaria de la UVA a partir de la narración (auto)biográfica de un alumno

RESUMEN

La Universidad Estadual Vale do Acaraú - UVA tiene más de cincuenta años de existencia. Pero, el Programa de Asistencia Estudiantil – PAE

- fue creado hace cuatro años. ¿Cuál es el impacto de esta experiencia en la vida de los universitarios? Esta pesquisa consiste en la escucha y análisis de la narrativa (auto)biográfica de un estudiante, con la finalidad de identificar las dificultades y facilidades de su experiencia formativa personal y académica como morador de la residencia universitaria de la UVA. El aporte teórico fue en Coulon (2017); Larossa (2011; 2002); Astigarraga (2013; 2019), Bragança (2011) e Delory-Momberger (2006). La universidad es un espacio formativo importante, pues facilitó el pasaje de la graduación a la maestría, después del estudiante superar las dificultades de vivir lejos de la familia y ampliar la sociabilidad dentro de la residencia con los colegas.

Palabras clave: experiencia; residencia universitaria; narración (auto) biográfica.

INTRODUÇÃO

As políticas de assistência estudantil são essenciais para o êxito dos estudantes, sobretudo os mais vulneráveis, já que elas contribuem para o acesso e permanência desses. Nesse sentido, faz-se mister indagar: qual o impacto que a mudança da residência familiar para a residência universitária causa no jovem? A contento dessa indagação, cabe destacar que, no ano de 2021, um aluno egresso do Instituto Federal do Maranhão - IFMA- foi aprovado em mestrado e destacou a importância da política de assistência estudantil. Ele ressaltou que, durante a permanência no IFMA, sempre recebeu auxílio institucional, seja pelas bolsas de pesquisa, seja pela assistência estudantil, o que contribuiu para o sucesso que obteve como estudante e pesquisador. Esta informação nos aponta a relevância das políticas de assistência estudantil no ensino superior.

A princípio, em estudo anterior (ASTIGARRAGA, 2010; 2017), quando ainda não havia o Programa de Assistência Estudantil – PRAE – para as universidades estaduais do Estado do Ceará, realizamos uma pesquisa com narrativa (auto)biográfica com uma universitária egressa do curso de Enfermagem e dois universitários egressos do curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Abordamos o *modus operandi* de jovens egressos do Ensino Superior, oriundos da zona rural, com experiência de trabalho na infância e que acessaram os cursos elitizados da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará.

A pesquisa (auto)biográfica dialogada foi relevante, tendo em vista que, em suas histórias de vida, as estratégias pessoais e familiares preponderavam diante do contexto de pobreza, subsistência, desde a infância, no Ensino Fundamental, passando pela adolescência, no Ensino Médio, à juventude, na Universidade. As principais estratégias verificadas em suas narrativas estão relacionadas com o capital social (relações interpessoais), os saberes e os valores transmitidos pela família. Verificamos a urgência de políticas públicas de inclusão, permanência e conclusão no Ensino Superior, para atender a uma demanda considerável de acadêmicos/as que não têm acesso a ela ou a acessam com muitas dificuldades.

Posteriormente, descrevemos as dificuldades dos universitários/as do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR, da UVA (ASTIGARRAGA, 2019). Os/as professores-alunos/as do PARFOR, com tempo e experiência de docência, mas sem o diploma de licenciatura no ensino superior, deslocavam-se de seus municípios e precisavam pagar transporte, assim como, custear a alimentação. A partir da implantação do PAE, eles passam a desfrutar parcialmente dos benefícios da residência e restaurante universitários – porque o curso era nas sextas e sábados. Os efeitos positivos provenientes desse apoio institucional no aproveitamento acadêmico foram: alguns acadêmicos passaram a dormir na residência da UVA, economizar no transporte e fazer as refeições com valores acessíveis.

A questão da permanência na universidade é algo que deve sempre ser levado em consideração, pois ingressar no ensino superior é o sonho de muitos estudantes, que muitas vezes não se realiza devido à falta de condição financeira das famílias, levando o estudante a optar pelo trabalho. Ter sua condição de estudante assegurada é um direito e o Programa de Residência Universitária (PRU) é um veículo que pode assegurar esse direito, auxiliando o estudante em sua trajetória na universidade até concluir a graduação.

Portanto, esta pesquisa tem como base o projeto de iniciação científica Narrativas (auto) Formativas dos Residentes: relações interseccionais, vulnerabilidade e construção de perspectivas, do Programa de Bolsas de Permanência Universitárias (PBPU) da Universidade Estadual Vale do Acaraú. A partir dela, escrevemos este artigo que consiste na escuta e análise da narrativa (auto)biográfica de um acadêmico com a finalidade de identificar as dificuldades e facilidades da sua experiência formativa pessoal e acadêmica como morador da residência universitária da UVA. Para tal, apoiamos-nos nos autores: Coulon (2017), Sampaio (2015), e Silva (2019) para conceituar permanência universitária. E em Bragança (2011) e Larrosa (2002; 2011) para conceituar experiência. Enquanto Delory-Momberger (2006), Lima (2015), Rosito (2014) e Passeggi (2011) nos auxiliaram no conceito de narrativa (auto)biográfica.

O artigo está organizado nas seguintes sessões: A primeira trata da permanência dos universitários. A segunda, aborda os conceitos de narrativas (auto)biográficas, memórias e experiências. Na terceira, descrevemos e analisamos a narrativa (auto)biográfica de um estudante morador da residência universitária da UVA. Por fim, a conclusão e as referências.

PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: residência e restaurante universitário da UVA

O Programa de Residência Universitária (PRU) e o Restaurante Universitário (RU) da Instituição de Ensino Superior (IES) da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, são programas de assistência estudantil, coordenados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Esses programas fazem parte das ações de apoio à permanência e desempenho acadêmico, desenvolvidas pela UVA, e que integram o Programa de Assistência Estudantil do Governo do Estado do Ceará.

Esses programas foram adquiridos por meio do movimento sindical e da reitoria das universidades estaduais no movimento de greve, cuja conquista foi aprovada pelo Monitoramento de Projetos Prioritários do Governo Do Estado – MAPP -, no ano de 2016. Assim,

o funcionamento efetivo desses teve início no primeiro semestre de 2017, demonstrando a importância de tais programas para o acesso e a permanência dos acadêmicos nesta IES, uma vez que, conforme informações do site da própria IES, 70% do público da UVA são oriundos de municípios vizinhos e que, por isso, precisam se deslocar de seus municípios até *campis*.

O PRU assegura moradia a estudantes provenientes de famílias de baixa renda, regularmente matriculados em um dos cursos de graduação presencial desta IES e selecionados mediante avaliação socioeconômica. O estudante admitido no PRU passa a residir, até a conclusão do curso, na Residência Universitária, mantida pela UVA. O total de vagas ofertadas pelo programa são 200 (UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, 2020)

A Residência Universitária é um programa que oferece moradia a acadêmicos com situação de vulnerabilidade econômica e que não residam na cidade de Sobral, cidade sede do *campus*. O programa possibilita a oportunidade de morar perto da IES, o que facilita a participação dos alunos beneficiados, de forma integral, em todas as dimensões que a universidade pode proporcionar. Inclusive, esse programa alivia a rotina cansativa de viagens de ônibus e auxilia no custeio da alimentação, pois os alunos participantes do programa fazem as refeições no Restaurante Universitário (RU) por um preço inferior ao restante do público da universidade (UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, 2020).

Inaugurado em julho de 2017, o Restaurante Universitário (RU), por sua vez, é um programa que oferece três refeições para o público da IES. Seu público-alvo são os acadêmicos que, em grande maioria, são oriundos de outras cidades. Com esse programa, esses discentes têm a oportunidade de fazer as refeições na própria universidade, o que possibilitou maior participação dos universitários nas atividades em contraturno da universidade (UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, 2020).

Para participar do PRU, o/a estudante precisa preencher pré-requisitos necessários à vaga. Após preencher uma ficha com os dados pessoais e familiares, o aluno deve provar, mediante documentação, ter perfil socioeconômico de família de baixa renda. Posteriormente, o candidato precisa escrever uma narrativa para

justificar sua candidatura, relatando a sua história de vida, as dificuldades enfrentadas até chegar à Universidade e quais suas projeções para o futuro a partir da graduação.

Antes de tudo, porém, é relevante enfatizar que ingressar na universidade é algo muito importante na vida dos universitários, principalmente se esses advêm da classe trabalhadora e de contextos que envolvem situação de vulnerabilidade econômica, social e emocional. Assim, quando a maioria dos jovens conclui o ensino médio e ingressa na universidade, está imersa em expectativas, almejando a realização de um sonho, querendo vencer na vida, poder fornecer melhores condições para si e para sua família, através da mobilidade social.

Mas, quando ele se depara com a realidade dos processos internos da universidade, tais como infraestrutura precária e a falta de recursos financeiros para compra do material didático, de alimentação podem desestimular os jovens a continuar os estudos e o resultado pode ser a evasão universitária. Além disso, contribuem também para esse desestímulo a ausência de transporte ou a falta de manutenção deste, a carência de professores, a pressão acadêmica quanto às atividades exigidas nos cursos, a não identificação com o curso escolhido no vestibular e a futura atuação profissional.

Por fim, a universidade é um universo de possibilidades, de conhecimento, um espaço multicultural. É um lugar de formação do indivíduo no âmbito pessoal, acadêmico e profissional, ocorre de forma individual e coletiva, onde cada um se desenvolve de acordo com suas experiências. Essas são lições aliadas às memórias que cada um carrega de si.

OFÍCIO DE ESTUDANTE E A AFILIAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Na pesquisa de Coulon (2017) sobre a condição do “ofício de estudante e a afiliação universitária”, o autor acompanhou estudantes franceses na passagem do ensino médio ao ensino superior e as mudanças importantes em sua relação com o saber. Verificamos que o autor caracteriza afiliação do estudante em três momentos, que chamou de “marcadores de afiliação”: 1º momento: se baseia na transição, onde o aluno sai do ensino médio e está se conectando

com a universidade (primeiro contato com a instituição, colegas, professores e normas do curso); 2º momento: é o tempo da aprendizagem e adaptação, em que vai ocorrer a filiação institucional do estudante e o entendimento das regras da universidade; 3º momento: ocorre a filiação completa, quando o mesmo estudante já fez a filiação institucional e intelectual, ou seja, o acadêmico compreende bem o meio universitário, conseguindo se adaptar e seguir as regras.

A realidade do ensino superior é completamente diferente da realidade do ensino médio pois “[...] novos públicos chegaram à universidade com níveis muito heterogêneos, com origens sociais extremamente diferente do que se tinha habitualmente” (COULON, 2017, p.1241). Essa pluralidade de culturas precisa se adaptar da melhor maneira para concretizar a filiação na universidade.

Ao completar sua afiliação, o estudante consegue desenvolver sua autonomia, levando em consideração tudo que aprendeu dentro do espaço universitário, incluindo biblioteca, laboratórios, salas de aula e outros. O estudante que não consegue se filiar à universidade, independente dos motivos, tende a abandonar o curso. Nesse sentido, Coulon (2017) afirma que uma das maiores razões dos abandonos e dos fracassos é o fato de o estudante não decifrar os marcadores de afiliação. Sampaio (2015, p. 207) complementa, indicando que o estudante afiliado institucionalmente:

[...] é aquele que compreende e está apto a seguir as normas da instituição, seu funcionamento e seus prazos. As três atividades que fundam a afiliação intelectual são: ler, escrever e pensar. Elas são, frequentemente, consideradas difíceis pelos estudantes e isso ocorre por conta da autonomia que lhes é atribuída para gerenciar sua própria vida acadêmica, fazendo com que eles não percebam a quantidade de investimento necessário para dar conta da dimensão intelectual da sua nova condição.

Conforme conceitua Coulon (1995, p. 166), afiliação é “o método através do qual alguém adquire um status social novo”, compreende-se que é importante aprender o “ofício de estudante”,

ou seja, assimilar códigos e rotinas do ensino superior. Nesse seguimento, o autor baseia-se na hipótese de que os estudantes que não conseguem se afiliar à universidade fracassam.

Silva (2019), por sua vez, define a entrada do estudante no ensino superior como “um momento importante na vida do sujeito, com impacto nas dimensões profissional e pessoal”. Levando em consideração esta afirmação, é importante ressaltar que para ocorrer uma formação completa do acadêmico, “A universidade precisa oferecer aos estudantes vários espaços diferentes de formação, além da dimensão técnica, em que seja privilegiada uma formação mais ampla que engloba a dimensão ética, crítica, estética e política”. (SILVA *et al*, 2019, p. 974).

EXPERIÊNCIAS E PROCESSOS FORMATIVOS

Para Larossa (2002, p.25), “[...] experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Em outras palavras, experimentar é vivenciar, é sentir o que nos atinge em nossa existência. Também é compreender e ressignificar cada momento. É trazer para a vida um aprendizado de cada experiência. Afinal, em que medida o acadêmico experimentou verdadeiramente o período em que esteve na residência universitária?

Nesta perspectiva, Larrosa (2002, p.21) reforça esta afirmativa ao pontuar que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Outrossim, as experiências são objeto de estudo para a compreensão da sociedade e para o conhecimento de si, o que nos leva a questionamentos: as experiências vividas pelos acadêmicos são similares? Tocou a todos da mesma maneira? O que aconteceu simultaneamente foi interpretado da mesma maneira? Foi atribuído o mesmo sentido por cada um deles?

Ainda que as respostas a essas perguntas não sejam simplistas, Larrosa (2002, p. 27) nos esclarece que

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe

acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.

Acrescentando à discussão, nas palavras de Bragança (2011, p.159), “são as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos transformam, inscritas na memória, que retornam pela narrativa, não como descrição, mas como reconstrução”. Dito de outra maneira, isso significa que a subjetividade humana é construída por meio das experiências vividas e a resignificação destas vivências, levando em consideração a relação com o meio social.

Para Passeggi (2011, 149) “[...] entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo”. Portanto, a experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. “Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar” (PASSEGGI, 2011, p.150). Assim sendo, narrar é representar a significância dos acontecimentos e a experiência é o que estabelece essa relação entre acontecimento e sua significação.

A formação pessoal está ancorada nas aprendizagens experienciais, que não consiste em uma acumulação de informações e saberes, mas na experiência vital do sujeito que se transforma junto com o conhecimento, assumindo novas formas de ser e de estar no mundo e, junto com essas novas formas, as imagens de si, para si e para o outro são resignificadas. “A identidade, assim, afirma-se como a imagem refletida no espelho, vista pelo próprio sujeito e pelos outros, e a formação como aquilo que se processa internamente e permite a configuração provisória que se reflete” (BRAGANÇA, 2011, p.162).

Nesse sentido, a formação humana consiste na aprendizagem adquirida no decorrer das experiências vivenciadas. Desse modo, a identidade é construída através da autorreflexão feita a partir do reconhecimento de si por meio das memórias.

Nessa perspectiva, as memórias são as marcas evocadas pelas experiências. Portanto, a memória é definida como processo cognitivo que permite integrar, reter e recuperar informação e recordar o que aprendemos. É a função mental que permite reter informações, em outras palavras, aprender. Ainda, é o sistema de armazenamento que permite manter informações e capacidade de evocar, de recordar as informações retidas. Ao lembrar momentos estamos acessando informações, isto é, recuperando e recordando a significância de aprendizado pelas experiências.

Bragança (2011) esclarece em seus estudos que o ser humano se constrói por meio de suas relações consigo, com o meio e com os pares. E nessa rede de interdependência, o conhecimento é produzido e compartilhado. Delory-Momberger (2006, p. 363) corrobora com essa ideia, ao dizer que

O que dá forma ao vivido e a experiência dos homens são as narrativas que eles fazem. A narrativa não é, portanto, somente o sistema simbólico na qual o pôr em forma da existência encontraria sua expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida.

A experiência individual está, pois, inserida em um movimento global que associa intimamente os formandos aos processos formativos e os considera como os autores responsáveis por sua própria formação. Isto sugere que no momento que o autor/narrador está narrando suas experiências de vida ele está revivendo memórias, viajando para o seu passado e analisando tudo que ele viveu, lembrando coisas esquecidas pelo tempo, e assim ele pode refletir acerca do que vivenciou, e se compreender como indivíduo.

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

As narrativas consistem na contemplação das experiências de vida do autor/narrador, podendo ser compreendidas por meio de documentos pessoais narrados ou escritos do indivíduo que relata memória de sua vida pessoal e social. Logo, "As narrativas

(auto)biográficas visam a reconstituição de si próprio e possibilitam o encontro do narrador com o seu eu ou do biógrafo /narrador com os vários eus de sua personagem” (LIMA, 2015, p.25).

Para Delory-Momberger (2006, 362), “A narrativa de vida é uma matéria instável, transitória, viva, que se compõe sem cessar no presente do momento que ela se anuncia”. É notório como a narrativa é algo particular, já que cada indivíduo a usa a seu modo. Nesse sentido, podemos refletir sobre a narrativa como responsável pela construção dos acontecimentos, eventos, ações, relações de meio e causa, de meio e fim, fazendo de nós autores e personagens da própria história, ou seja, “nós não fazemos a história de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossas vidas” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363).

Todavia, as narrativas de cada um são diferentes e carregam diversas emoções, lembranças de uma fase da vida, memórias de pessoas queridas, que de alguma forma marcaram a trajetória do narrador, trazem recordações de lugares inesquecíveis e de grande importância na construção subjetiva do autor. Conseqüentemente, “Histórias de vida em formação fundamentam-se sobre a ideia de apropriação que o indivíduo faz de sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida”. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.361)

Rosito (2014, p.23) afirma que: “[...] a narrativa é uma possibilidade de conhecer sobre si, o outro, o mundo e, sobretudo, de alargamento do campo da consciência”. Partindo desta mesma reflexão, no resgate de memórias, o homem pode se redescobrir enquanto sujeito pertencente a determinado espaço, pode tomar outros caminhos e escrever outra história para si, uma vez que “[...] a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as “experiências referências” pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido”. (PASSEGGI, 2011, p.378). A autora ainda afirma que:

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes

não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização.

Neste viés, é por meio das narrativas (auto)biográficas, possibilita-se ao sujeito o autoconhecimento e o reconhecimento de si, usando a autorreflexão adquirida das experiências vivenciadas. Ocorre, pois, uma ação de transformação de si e do meio, quando esse ciclo fecha. Delory-Momberger (2006, p. 362) enfatiza, porém, que

[...] à vida contada não é a vida[...] nenhuma prática de formação pode pretender reconstruir por si só o que seria o curso factual e objetivo do vivido; o objetivo sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas histórias de vida não é portanto, a vida, mas as construções narrativas que os participantes do grupo de formação elaboram.

A formação e transformação de si ocorrem, portanto, através das reflexões realizadas por meio das narrativas (auto)biográficas. Esse autoconhecimento pode ser realizado mediante narrativas e análise das histórias de vida do sujeito. Pensando nisso, Passeggi (2011, p. 373) considera que:

Em todos os casos, a escrita de si é considerada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal. Consideramos que escrever e interpretar o que foi significativo para determinar modos de ser, seja como aluno seja como professor-pesquisador-orientador, são, ao mesmo tempo, atividades formadoras e podem dar acesso ao mundo da academia visto pelos olhares de seus protagonistas.

Assim, a produção escrita é o meio mais eficaz e menos efêmero de registrar nossas vivências e, com isso, poder compartilhar de forma recíproca com aqueles próximos ao nosso convívio. Trazendo, desta maneira, essa reflexão para o universo acadêmico,

proporciona-se a empatia e a humanização da pesquisa científica, que se transporta de sua condição impessoal e elitista para a um espaço democrático de vivências e produtividade acadêmica.

No mais, estes conceitos serão retomados durante a análise dos dados, o que deve permitir uma melhor compreensão ao serem vinculados às ações dos informantes desta pesquisa. Neste estudo, a perspectiva centra-se na narrativa (auto)biográfica das ações realizadas na trajetória do curso universidade. Interessa-nos a descrição das atividades durante a trajetória universitária, como essa trajetória foi superada, que caminhos encontraram para evitar as situações típicas desse ambiente. Do ponto de vista teórico, o problema de pesquisa aqui apresentado desafia a criar um quadro conceitual que possa delinear o contexto de ação relacionada no percurso formativo no curso de ensino superior da UVA.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Inicialmente, a proposta metodológica previa a realização de uma entrevista narrativa presencial. No entanto, a UVA ficou sem atividades presenciais desde o início da pandemia causada pela epidemia da COVID-19, que teve início em março de 2020 e, por esse motivo, a partir de novembro do mesmo ano, as atividades passaram a ser desenvolvidas totalmente virtuais. Isso impossibilitou o contato presencial com os estudantes, tendo em vista que muitos acadêmicos residiam na zona rural, o que tornava o acesso à internet mais difícil ou escasso. Por este motivo, realizamos um questionário *on-line*, que foi respondido por um universitário egresso do curso de Licenciatura em Geografia, aprovado no Mestrado em Geografia, na mesma instituição de ensino superior – UVA. Para isso, o universitário leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e, para preservar sua identidade, ele será identificado como “A”.

No questionário, abordamos questões pessoais, tais como a motivação para participar do programa, dificuldades e facilidades encontradas na rotina da residência, o impacto causado na mudança de casa e do município para a residência universitária, as dificuldades e facilidades na convivência com os colegas de quarto, as consequências da mudança em sua vida pessoal e acadêmica, a

importância do programa em seu processo de formação e o perfil socioeconômico-familiar.

No decorrer da narrativa, observamos os eventos que constituíram as experiências formativas do residente universitário e a contribuição do Programa Residência Universitária em sua formação.

NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE UM RESIDENTE UNIVERSITÁRIO: o ofício de estudante

Para seleção do Programa de Permanência Universitária (PRU) é obrigatório que o aluno esteja apto a todos os requisitos avaliados pela seleção. A respeito desses critérios, o aluno relata que eram bastante burocráticos, com muita exigência de comprovação de documentos. Mas, ele detinha todos e cumpria os requisitos. Apresentou documentação de exigida, tais como, o NIS, comprovação de renda, histórico escolar, perfil socioeconômico familiar. Por fim, anexou todos os documentos numa pasta com identificação, entregou à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e foi aprovado na seleção.

Nesta nossa pesquisa, A, tem 23 anos de idade, reside no município de Morrinhos – CE, egresso do curso de Licenciatura em Geografia. Atualmente é Mestrando em Geografia, na mesma IES – UVA. A sua motivação de morar na residência se deu em virtude, inicialmente, do desejo de participar de grupos de pesquisas, eventos e reuniões que ocorriam, muitas vezes, no turno da tarde e ele não poderia comparecer pois não havia transporte do seu município para voltar a Sobral, já que o percurso de sua residência até o *campus* durava em média 1h e 15 min (70,8 km). Outra motivação apontada pelo universitário foi o fato de participar da bolsa da Residência Pedagógica da CAPES, pois necessitava estar presente nos diferentes turnos na escola-campo para o cumprimento das atividades.

Não obstante, a mudança mais espetacular que se produz com o ingresso na universidade é a relação dos novos estudantes com as regras e os saberes acadêmicos, uma verdadeira aprendizagem prática que deve ser desenvolvida (COULON, 2017). Nesse sentido, prender as regras da universidade e se adequar a elas

é primordial para o desenvolvimento do aluno, o que Coulon (2017) e Silva (2015) chamam de afiliação institucional.

“AFILIAÇÃO RESIDENCIAL”: mudança da casa da família para a residência universitária

Afinal, qual o impacto da mudança de um jovem de sua residência familiar para a residência universitária?

A, começou a morar na residência universitária no segundo edital de convocação, em meados de junho de 2018, e saiu em maio de 2019, quando cumpriu toda a carga horária da graduação e não podia continuar. O universitário lembra que o apartamento onde morou era novo e era o de menor tamanho, cuja capacidade comportava apenas cinco pessoas. O universitário aponta o que ele chamou de “desafios gigantescos” na mudança de casa para a residência universitária, ou seja, o que poderíamos chamar de primeiro momento da sua afiliação residencial. Nas palavras dele,

Ao sair de minha residência (município) e morar no apartamento foi um momento de muitas mudanças, pois muitos dos colegas não conhecia, e não tínhamos móveis fomos compondo aos poucos. As noites de sono foram mudadas, pois tive que me adaptar a dormir no mesmo quarto com alguém que não conhecia e também, ao clima, as comidas do Restaurante Universitário (fiquei até doente) e a nova rotina de estudar e vivenciar a UVA bem de perto, foram desafios gigantescos para mim.

O acadêmico A. considerou a sua transição do ensino médio ao ensino superior bastante rápida porque, logo que concluiu o ensino médio, em 2014, prestou vestibular para Licenciatura em Geografia na UVA e foi aprovado. Para ele, o seu grande desafio ao entrar na universidade foi fazer uma “trajetória pendular cotidianamente do município de Morrinhos para o município de Sobral”. Ao narrar o seu primeiro impacto da transição entre o ensino médio e o ensino superior, o acadêmico A destaca que:

Não conhecia muito bem como funcionava a universidade, por isso que nos primeiros semestres ainda estava muito cristalizado numa mentalidade de estudante de ensino médio, até eu perceber que na universidade é você que constrói sua formação e é necessário ter autonomia para estudar e fazer escolhas importante -principalmente adentrar o mestrado como é meu caso.

Posteriormente, descreve a diferença abissal entre o ensino médio e o superior em relação à formação acadêmica e profissional e as trocas intersubjetivas com os professores que também podem ser orientadores de iniciação científica e trabalho de conclusão de curso de graduação.

Há um grande abismo diferencial entre a universidade e o ensino médio, e considero que todos sentem isso quando ingressam no ensino superior. Primeiramente, porque a IES ser um espaço científico e de construção profissional, onde você vai se especializando naquilo que gosta de estudar/pesquisar na sua área. Por conseguinte, a relação com o professor universitário ocorre normalmente devido as afinidades de pesquisas, até que por final esse mesmo professor pode ser seu orientador de TCC.

Certamente o acadêmico A soube tirar proveito do período de permanência na Licenciatura em Geografia, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão, estabelecendo relações sólidas com seus orientadores para ingressar no mestrado logo após a conclusão da graduação.

“AFILIAÇÃO AOS NOVOS COLEGAS E ÀS NORMAS DA RESIDÊNCIA”

Sobre as diferenças encontradas na mudança da cidade de Morrinhos para Sobral, o universitário descreveu que ambos os lugares apresentam a mesma característica climática. A diferença que apontou foi a sensação térmica, pois Sobral possui mais prédios e

poucas árvores, tornando-se mais quente, enquanto Morrinhos tem uma sensação térmica mais amena.

O residente relatou ainda que assistia em um apartamento com cinco rapazes, mas nunca tiveram muitos conflitos, pois eram unidos e estavam sempre abertos ao diálogo. Contudo, houve dificuldades nos primeiros meses, sobretudo em relação à limpeza dos cômodos e no estoque de água (tinham que descer e pegar água no térreo). Nesta situação, podemos identificar uma afiliação em relação à convivência com os novos colegas e às normas e à coordenação da residência universitária. Segundo A,

Todos estavam vivendo sua primeira experiência de morar longe de suas casas e de terem responsabilidade ao morar no coletivo, tivemos que estabelecer cronograma de limpeza e de estoque de água por pessoas e, muitas das vezes não havia o comprometimento de alguns, ocasionando discussões. Porém, isso foi se resolvendo com o tempo.

O apartamento onde vivia continha apenas alunos de ciências humanas: três da Geografia, incluindo o universitário participante do questionário; um da História e um da Pedagogia. Em relação à alimentação, os residentes precisavam fazer uso do Restaurante Universitário (RU) e o desjejum era ofertado exclusivamente para os residentes, já o almoço e jantar eram para todos da Universidade.

Na Residência Universitária, os residentes faziam o uso de uma cozinha coletiva, durante a semana, sendo disponibilizada somente a partir das 22 horas, tornando necessário o uso do RU por parte dos residentes; já aos finais de semana, a cozinha ficava disponível em todos os horários. Sobre essa rotina na Residência, o aluno descreveu:

Nossa rotina se dava da seguinte maneira, pela manhã íamos caminhando a pé ao Restaurante Universitário – era longe principalmente por ir três vezes e tinha assaltos constantes no caminho – para o café da manhã, o almoço e a janta, raramente comíamos na cozinha da residência, pois, passávamos o final de semana no nosso município.

Em relação ao deslocamento da residência para os espaços em que estava inserido nesse período, o estudante relatou que a distância do *campus* Betânia (onde se localiza o RU) até o Centro de Ciências Humanas (CCH) de ônibus é de aproximadamente 10 minutos. Enquanto isso, da Residência Universitária a E.E.M. Professor Luís Felipe (Residência Pedagógica), que ficava no bairro Campos dos Velhos, de Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), era em torno de menos de 5 minutos. Por fim, a trajetória rotineira da residência universitária ao Restaurante Universitário (RU), A sempre caminhava (ida e volta) para as três refeições, gastando, em média, meia hora por dia indo fazer as três refeições.

Ademais, um grande impacto apresentado por A foi a demora na adaptação à rotina de estudos, pois sempre estavam reunidos no mesmo local e horário, e isso atrapalhava quem estudava, em detrimento das longas conversas. Além do mais, em Sobral, pela correria de sair para estudar e ir as refeições caminhando, quase sempre chegavam cansados e acabavam adormecendo, não finalizando as atividades acadêmicas. Conforme explica A,

O rendimento de muitos dos colegas caiu (como brincadeira apelidamos todos nós como os procrastinadores do AP 303). Em relação às atividades domésticas cada um era responsável pelas lavagens de suas roupas e por fazer suas refeições (merenda), porém, devido ao espaço para enxugar as roupas e o número de prendedores, ocasionava também conflitos quando duas pessoas decidiam fazer isso no mesmo dia e horário.

Sobre a organização dentro do apartamento, esta era coletiva e mediada por cronogramas de atividades, e por regras estabelecidas entre eles para melhor convivência, como não mexer nas comidas dos colegas na geladeira, objetos etc. Já quanto à limpeza, todos ajudavam, desempenhando funções como varrer, lavar banheiro etc. E, por fim, os objetos pessoais eram de responsabilidade de cada um.

Mesmo com a mudança de rotina e a procrastinação (em seu caso), adaptou-se às mudanças e conseguiu concluir suas atividades da graduação. Porém, seu TCC foi feito em sua residência (Morrinhos), depois de desligado da Residência Universitária. Por fim,

a seleção de mestrado ocorreu no final do ano, depois da colação de grau.

Acerca das dificuldades, foi declarado que a maior delas foi tentar compreender e conviver com distintas personalidades dentro de um pequeno ambiente, pois, por mais que houvesse poucos conflitos, tinha colegas que acordavam e passavam o dia com mau humor, e também eram incompreensíveis em determinadas situações. Contudo, como ele mencionou, eram jovens, na época, de 21 anos de idade, estando em processo de amadurecimento e de viver novas experiências. Assim, foi um processo de aprendizagem diante as dificuldades e enfrentamentos em que estavam inseridos.

AFILIAÇÃO COMPLETA: adaptação institucional e intelectual

A residência universitária não foi só importante para ele no quesito de estar presente em Sobral e participar de atividades acadêmicas. Pelo contrário, morar longe de casa trouxe o amadurecimento e responsabilidade em suas tomadas de decisões e atitudes, assim como o desafio de morar de forma coletiva, pois, todas as ações tomadas envolviam a todos e não só dele. Conforme A,

A relação com os colegas de turma, principalmente na UVA, conhecemos estudantes dos diversos municípios da região norte (isso possibilita aprender e trocar muitas vivências e experiências, inclusive) e permanecer importantes eles ainda hoje mesmo depois de graduados.

Ele afirma ainda que aprendeu, “*de certo modo, a respeitar e experienciar a convivência social.*” (A, 2020). Ademais, sobre sua convivência na residência e com os colegas do AP 303, o universitário relatou:

Já se faz mais de um ano que saí da residência, ou melhor do AP 303, no momento há só um de nossa turma residindo por (até antes da pandemia), pois quatro já se graduaram, e as nossas vagas foram preenchidas por outros rapazes. Mas, ainda assim,

nossa amizade permanece, pois, acredito que foi uma experiência maravilhosa e recíproca. Ainda nos comunicamos, apesar de estarmos longe e cada um estar traçando hoje rumos diferentes (trabalho e pós-graduação), temos ainda o nosso grupo do WhatsApp (Procrastinadores 303) e nos comunicamos por vídeo chamada em grupo, para saber onde cada um está, o que está fazendo, e relembrar dos momentos mais engraçados que se passaram por cada um no período de residência.

Sua decisão em tentar uma vaga na seleção no programa foi inicialmente para participar da vida acadêmica e cumprir as atividades de sua bolsa de residência pedagógica. Nisso, necessitaria residir em Sobral, mas ele não tinha condições de arcar com aluguel e o custo de vida em outra cidade. Portanto, a residência contribuiu com sua formação inicial, sobretudo em sua estadia em Sobral para participar de eventos, bolsa de iniciação à docência, e grupos de estudos. Nas palavras dele,

A formação inicial, ou melhor, esse primeiro contato com a universidade é fulcral para construção profissional, científica e humana, posso dizer que essa trajetória que fiz na UVA que foi na minha juventude, embora ainda imatura, ganhei e compartilhei muitas vivências e experiências. Hoje posso dizer que a UVA, ou melhor, a minha formação no curso de Geografia construiu um pouco do “A.” que sou hoje.

Nesse sentido, esse espaço formativo foi importante para sua formação inicial, pois promoveu oportunidades de estar presente em atividades recorrentes na Universidade. Além disso, atribuímos importância desse espaço em sua construção pessoal, nos laços afetivos construídos durante essa experiência, tornando-as memórias significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o Programa de Permanência Universitária é essencial no fortalecimento do vínculo Universidade e acadêmico, dando um suporte necessário para que o estudante socioeconomicamente vulnerável ingresse na Universidade e tenha um bom desempenho, podendo desfrutar de tudo que o curso e a instituição têm a agregar a sua formação acadêmica.

Também percebemos que o método de seleção dos participantes do programa é um método de autorreflexão, por meio do qual o candidato analisa suas experiências de vida e recorda o processo escolar antes da universidade. Esse processo de autoconhecimento e reconhecimento é muito significativo na formação individual e profissional dos estudantes. O estudante mencionado nesta pesquisa relata suas memórias como morador da Residência Universitária, citando quais as vantagens obtidas, as dificuldades que enfrentou e relatando sua rotina com seus colegas de apartamento.

Nesse sentido, a proposta de filiação universitária utilizada por Coulon (2008) apresenta os marcadores de filiação que, em seu estágio final, o estudante já fez a filiação institucional e intelectual, ou seja, o estudante compreende bem o meio universitário, conseguindo se adaptar, seguir as regras, mas também, interagir, re-construindo regras em grupo, dentro da residência e da universidade, como um todo. Na narrativa (auto)biográfica do acadêmico, percebemos também o processo de filiação institucional e filiação nos programas de permanência universitária. Logo, a filiação nesses programas contribuíram para o sucesso acadêmico.

Por fim, cabe-nos afirmar que a universidade é um espaço formativo importante, pois facilitou a passagem da graduação à pós-graduação (mestrado), após o acadêmico superar as dificuldades de viver longe da família e de ampliar a sociabilidade dentro da residência com os colegas. Para isso, o PAE – principalmente residência e restaurante universitários – foi essencial no processo de acesso, permanência e conclusão de um acadêmico da classe trabalhadora, oriundo de um município, no entorno de Sobral, onde a UVA está situada. O que poderá ser verificado em uma pesquisa

posterior, amplificada com mais acadêmicos do mesmo contexto socioeconômico-cultural em questão.

REFERÊNCIAS

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Processo de acesso, permanência e conclusão no ensino superior: de outsider a estabelecido. **Revista De Humanidades**, v. 28, n. 2, p. 373–390, 2017.

<https://doi.org/10.5020/23180714.2013.28.2.373-390>

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Estratégias de acesso ao Ensino Superior entre jovens universitários com experiência de trabalho na infância. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 12, p. 1–23. 2010.

<https://doi.org/10.20396/etd.v12i0.857>

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. O curren das vidas secas ao ensino superior – PARFOR: narrativas autobiográficas intergeracionais.

Linguagens, Educação e Sociedade, n. 42, p. 187-207, 2019.

LARROSA, Jorge BONDÍA. Experiência e alteridade em educação.

Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.17, n2, p04-27, Jul/dez 2011

LARROSA, Jorge BONDÍA. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. **Revista Educação**, Porto Alegre.v,34. n.2, p.157-164, maio/ago. 2011.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educ. Pesquisa.**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017.

LIMA, Maria Emília caixeta de castro. GERALDI, Corinta Maria Grisolia. GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte v.31; n. 1, p1-44, jan./mar. 2015.

DELORY-MOMBERGER, Chistine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v32, n2, p.359-371, maio/ago, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição Botelho Sgadari. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

ALUNO do IFMA aprovado em mestrado destaca importância da política de assistência estudantil. **Portal IFMA**, 2021. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/2021/07/13/aluno-do-ifma-aprovado-em-mestrado-destaca-importancia-da-politica-de-assistencia-estudantil/>. Acesso em: 27 jul, 2021.

ROSITO, Margarete May Berkenbrock. Retalhos imaginativos: a dimensão estética nos processos formativos autobiográficos. **Caderno de Educação**. Pelotas, p.52-65, maio/ago. 2014.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. SANTOS, Georgina Gonçalves dos. A Teoria da Afiliação: Notas Para Pensar a adaptação de Novos Públicos ao Ensino Superior. **Revista Atos de pesquisa em educação**. Blumenau, v. 10, n. 1, p. 202-214, jan./abr. 2015

SILVA, Larice Santos. SILVA, Silvia Maria Cintra da. A Aprendizagem do Ofício de Estudante Universitário: Tempos de Constituição do Ingressante no Ensino Superior. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 960-978, dez. 2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA). Universidade Estadual Vale do Acaraú 2020. disponível em: <http://www.uvanet.br/> Acesso em: 24 de junho 2020.

Recebido em: *Janeiro/ 2022*

Aprovado em: *Agosto/ 2022*